

Prefácio

Prolegômenos de um mundo ficcional ¹

Boneco ou manipulador?



Figura 1 – Charge de Luiz Gê. Jornal **Folha de São Paulo**, 31 jan. 1978.

Início a minha dissertação colocando uma questão: Será que vou terminar?

Quando me coloco diante da obrigação de organizar meu pensamento, me sinto tomado por uma sensação estranha, que, espero, vá se diluindo ao longo desta tentativa de organização. Sei que tenho algum conhecimento e que este pode servir, nem que seja como um estudo de caso ou como uma apresentação do meu processo criativo enquanto artesão, observado por mim — designer — em uma tentativa crítica de avaliar os resultados obtidos em minha jornada ao longo de dois anos dentro da Academia. A possibilidade de pensar, oferecida pelo espaço da Academia muitas vezes me coloca como um “sujeito impuro que se acolhe numa casa onde reinam a ciência, o saber, o rigor e a investigação disciplinada” (BARTHES, 1980:8).

¹ Este texto corresponde a um diálogo com possíveis leitores desta dissertação interessados em conhecer um pouco sobre o processo de construção do presente documento. Contudo, alguns leitores podem se sentir mais confortáveis seguindo direto para a *Introdução* (capítulo 1).

Outro dia, reli o romance de Thomas Mann, *A montanha mágica*. Esse livro traz à cena uma doença que conheci bem, a tuberculose; pela leitura, eu tinha reunidos, em minha consciência, três momentos dessa doença: o momento da anedota, que se passa antes da Guerra de 1914, o momento da minha própria doença, por volta de 1942, e o momento atual em que esse mal, vencido pela quimioterapia, não tem mais o mesmo rosto de outrora. Ora, a tuberculose que eu vivi é, com mínimas diferenças, a tuberculose da *Montanha Mágica*: os dois momentos se confundiam, igualmente afastado de meu próprio presente. [...] *meu próprio corpo era histórico* [...] meu corpo é bem mais velho do que eu, como se conservássemos sempre a idade dos medos sociais com os quais o acaso da vida nos pôs em contato. Portanto, se quero viver, devo esquecer que meu corpo é histórico, devo lançar-me na ilusão de que sou contemporâneo dos jovens corpos presentes, e não de meu próprio corpo, passado (*Idem*, 45-46).

Espero me desfazer desta imagem de sujeito impuro, criada pela apropriação do “corpo histórico” do próprio Barthes, e me colocar como um sujeito pensante, mesmo que meu pensamento só reforce meu estado de ser.

Começo contando uma pequena história passada após um encontro do Núcleo de Estudos do Design do Livro — encontros esses que foram enriquecedores e bastante significativos para mim.² Os pesquisadores do Núcleo (eu inclusive) estavam, na ocasião, imersos em seminário em Campos do Jordão, apresentando o resultado parcial de pesquisas, que denominamos *Simpósio Fronteiras do Livro*. Observando os pesquisadores, saboreando conhecimento, lembro ter ficado com a nítida impressão de também fazer parte daquela história, de também ser capaz de saber e, conseqüentemente, de representar esse saber. Essa possibilidade da “representação do eu” (o eu, no caso, dotado de algum conhecimento) dentro de um Simpósio e agora na construção desta dissertação em espaço acadêmico sempre me pareceu desafiadora no sentido de expor meu pensamento para ser examinado, é como a abertura do desconhecido. Em muitos momentos, sinto medo do desafio, desta busca pelo conhecimento. Não da exposição em si, que nada mais é que uma representação, uma “interação (isto é, interação face a face) [que] pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (GOFFMAN, 2004:23). Somente aqueles que viveram os momentos oferecidos em Campos do Jordão possuem seu registro como referência do real vivido. Isto que parece

² O Núcleo de Estudos do Design do Livro (NEL) é vinculado ao Laboratório da Comunicação no Design (LabCom Design) do Programa de Pós-graduação em Design do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio. Há quatro anos, os pesquisadores do NEL se reúnem quinzenalmente em torno de questões referentes ao Design do Livro e ao Design da Leitura.

simples, e muitas vezes chamado de singelo, representa a criação simultânea de um momento vivido, único, mas que pode ser repassado, recontado sobre os mais variados suportes da informação. Esta “influência recíproca” tende a ser extremamente agradável entre amigos ou entre pessoas que desfrutem de um mesmo pensar, e extremamente confortável para os que se colocam como ouvintes. Aqui é imprescindível representar o papel de escritor, de um fingidor que deveras sente a dor de estar fingindo mas sabe que maior será a dor se não apresentar o imprescindível. A interação exige uma resposta e apura a minha responsabilidade de saber que o que está sendo avaliado é o meu “desempenho” dentro desta representação (*ibidem*).

Retomando meu relato da viagem de retorno de Campos do Jordão, ao chegar em casa e ligar o computador para registrar tudo aquilo que estava pensando ou tinha acreditado pensar, uma sensação inquietante me surpreendeu ao constatar que eu não me lembrava de mais nada do que pensara dois minutos antes de ligar o computador. Esse estado de ser é chamado no teatro de “branco”, um momento quase inexplicável que se enquadra numa desconexão com o mundo real. Pode existir um esquecimento do texto que é rapidamente contornado com a habilidade do ator, porém o chamado “branco” é maior que isso, é uma incapacidade momentânea de ligar os fatos e dar a eles uma construção operacional. Foi desse sentimento que fui tomado ao ligar o computador. Era como se uma nuvem de pensamentos tivesse atropelado toda perspectiva de encontrar uma resposta coerente para explicar minhas questões. Talvez como você, possível leitor da presente dissertação, eu tivesse acabado de realizar um sonho ficcional.

Todos nós que nos propomos a pensar podemos entender o que é sonho ficcional, ou pelo menos criar um conceito segundo o nosso conhecimento para defini-lo. Para mim, é como a perspectiva de encontrar a sombra vital ou o sopro da vida. Sei que a sensação é muito maior que seu registro em palavras, por sua vez já aprisionadas no pensar, mas esta sensação tão pessoal, única, só passará a existir fora de um imaginário quando registrada em algum suporte de comunicação. É através do pensar que o conhecimento pode se transformar em documento, aqui no caso, minha dissertação.

Vital e vida se apresentam, neste ensaio, como pensamentos diferentes: vital como inerente à vida e vida como decorrência do estar vivo. Embora a vida tenha se tornado um estado de sentir quase automático, sem ela tudo seria abstração ou inexistência. É através do pensar que compreendemos ou nos apropriamos da vida. Ao escrever sobre isso, ou seja, ao produzir este

pensamento como estrutura literária, me enquadro no pensamento de Roland Barthes de estar produzindo algo “absolutamente, categoricamente realista: ela [a literatura] é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real” (BARTHES, 1980:18). Penso que aquilo que Barthes coloca como realidade não são os conceitos escritos, mas sim a matéria escrita. A partir do momento em que um conceito — baseado na realidade ou na ficção — se torna matéria escrita, passa a compor um elemento da realidade. Era o que eu deveria fazer ao ligar o computador: passar todas aquelas informações contidas no meu imaginário para um objeto escrito, um suporte de comunicação.

Para não dizer que não lembrava de mais nada, efetivamente, eu conseguia me recordar de que, durante minha vinda para casa, conjecturei propostas significativas para explicar ou organizar ansiedades milenares, que só não o são por meu curto período nesta vida. Não sou um ser que viva há muito tempo, mas acredito que assim como todos os seres humanos, trago dentro de mim a contemplação da eternidade.

Seja como for, com o tempo passando, eu — diante do teclado do computador — comecei a revisar conceitos: *realidade*, *imaginário* e *ficcional*. Conceitos estes apresentados pelo Professor Luiz Antonio Coelho através dos textos de Iser. De certa forma, estamos sempre em contato com esses três conceitos, seja de maneira consciente ou intuitiva. O fato de ter vivido uma realidade em Campos do Jordão aguçou meu imaginário, obrigando-me a pensar e concatenar esse pensamento. Ao fazer isso, me vejo dentro de um mundo ficcional, numa tentativa de produção de um conhecimento escrito “categoricamente realista”. Posso afirmar que entrar em contato com o entendimento desses três conceitos cria um poder de subversão que somente uma conduta científica seria capaz de amarrar. Esses três conceitos permeiam minha tentativa de apresentar ou relatar minha experiência como um processo criativo, uma apresentação da única coisa que me pertence plenamente: meu parco conhecimento a favor de uma proposta científica.

Ao longo do processo, fui percebendo que — integrados — esses três conceitos nos levam a perceber que não temos como escapar da realidade. Ela é o que nos apresenta a percepção do consciente, aquilo que nos é tangível dentro de um conceito de normalidade: estou enquadrado em uma categoria que me aceita e me respeita não apenas pelo que esperam de mim, mas pelo que posso oferecer, sendo o melhor de mim.

Assim, não consigo conceber a possibilidade de não almejarmos o ideal. Tenho como objetivo aqui a realização de uma dissertação, a reprodução do

meu conhecimento num suporte de comunicação. Gostaria de fazer isto de forma ideal (recorro aqui ao conceito Platônico de *ideal*, uma vez que apenas o que está no meu referencial e entendimento imaginário é o que verdadeiramente representa o mundo das idéias, diferente de sua produção escrita que passa a existir no mundo real, sujeito portanto às limitações contidas no suporte usado para sua manifestação e o que está em pauta aqui, às próprias limitações do sujeito que a produz). Suponho-me perfeito, porém carrego dentro de mim todas as imperfeições do universo.

Acredito que esta reflexão seja uma das motrizes para as decisões da humanidade. Basta ver que nós ainda nos vemos presos a este pensamento dual. Faço luz para ilustrar um pouco essa dualidade uma comparação aleatória entre *manipulador e boneco*, como se o fato ou possibilidade de *manipular* me colocasse em contato com o que tenho enquanto poder de criação. Sendo ao mesmo tempo boneco, no entanto, essa relação se desfaz.

Retomo então a narrativa contida no primeiro relato da criação: “Então lahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (GÊNESE, 2:7). Observo que ela deve ser vista como uma representação alegórica que quer dar um entendimento lógico à criação dos seres. Assim, não podemos procurar estabelecer concordâncias entre este plano e a ciência moderna, mas é preciso ler esta narrativa em uma forma que traz a marca de sua época, um ensinamento revelado e de valor simbólico.

Por ter feito Deus o homem de barro, este se torna o primeiro boneco que, na ausência de um manipulador material, é movido pelo sopro divino que o dota de vida, adquirindo o poder de manipular sua própria existência.³ Deus não se tornou um manipulador dos movimentos físicos do ser humano, mas uma possível referência em sua conduta, um manipulador “virtual”. Nas palavras de Ana Maria Amaral, “Rainer Maria Rilke, influenciado pelas idéias de von Kleist, em suas **Elegias de Duíno** define o homem como sendo uma síntese entre o espírito (representado por um anjo) e a matéria (representada por um boneco). Espírito e matéria, anjo e boneco, reunidos, formam o ser humano” (AMARAL, 1996:172).

³ “Boneco é o termo usado para designar um objeto que, representando a figura humana, ou animal, é dramaticamente animado diante de um público” (AMARAL, 1996:71).

Manipulador: aquele que empresta sua alma ao objeto. “A mobilidade do boneco, objeto teatral, tem como origem a energia consciente do ator-manipulador”. (*Idem*, 72).

E. H. Gombrich também descreve — na introdução da segunda parte de seu livro **Arte e ilusão** — este poder simbólico da criação, tendo, mais uma vez, o objeto/escultura/boneco como elemento de ligação entre o pensamento conceitual e sua manifestação enquanto objeto. “Era uma vez um velho chamado Nahokoboni. Perturbava-o não ter uma filha. Quem iria cuidar dele se não tinha genro? Mas, como Nahokoboni era um feiticeiro, esculpiu uma filha num galho de ameixeira... (*Conto de fadas dos índios Guiana*)” (GOMBRICH, 1986:83).

O autor prossegue com a narrativa do Poder de Pigmalião: “Em Ovídio, Pigmalião é um escultor, que deseja modelar uma figura de mulher a seu gosto e se apaixona pela estátua que fez. Roga a Vênus que lhe dê uma noiva à sua imagem, e a deusa converte o frio marfim num corpo vivo” (*Ibidem*).

Com a reflexão, vêm as questões: Qual caminho irá satisfazer o que trago em mim? Qual irá responder aquilo que aparentemente não tem resposta? Será que eu preciso viver o que meu imaginário cria para mim? Estou pensando muito e produzindo pouco, pois uma mente cansada tem dificuldade de saber o verdadeiro caminho.

Enfim, de um Simpósio em Campos do Jordão a um computador na cidade do Rio de Janeiro, eu pensei que encontraria respostas para as minhas questões, mas o que encontrei foram novas perguntas e uma mente cansada.

Relendo o que escrevi naquela ocasião, fico feliz por ainda continuar cansado, porém com a mente mais objetiva e em busca de resultados. Conteí essa história apenas para justificar minha questão inicial. Infelizmente, fui dotado de um pensamento fragmentado, o que torna o esforço de criar um pensamento linear — como o exigido na redação deste documento — bastante difícil para mim. Não estou justificando um possível fracasso, apenas me colocando diante de minhas próprias limitações. Espero, com isso, me tornar forte o suficiente para concluir esta dissertação. O tênue fio que liga o boneco ao manipulador se tornou uma corda bamba onde — equilibrista — procuro encontrar meu caminho. Pretendo me guiar mais pelo caminho da objetividade, mas me permitirei também alguns pensamentos dentro da prática fragmentada, os quais tentarei alertar o leitor da pertinência ou não em lê-los.

Eduardo de Andrade Oliveira

Rio de Janeiro 14 de Dezembro de 2006